

Vencemos batalhas,  
mas a guerra continua

Sylvia Leal,

Jornalista, autora do livro “Por uma Vida Inteira” com informações e depoimentos sobre câncer de mama. E de “Pessoal e Intransferível - Certas Histórias da Maturidade” (Ed. Record)

Eu posso dizer, com o maior orgulho, que sou uma mulher do século passado. Não pensem que eu tenho 100 anos. Ainda não cheguei lá. A minha geração é a da segunda metade do século passado. Eu muito me orgulho dela. Foi heróica, desbravadora, revolucionária. Enfrentamos o papel de cobaias das realizações que aí estão, parecendo tão naturais, como se estivessem asseguradas desde a mais remota Antiguidade. Batalha árdua travamos pela pílula anticoncepcional. E pela maior independência e igualdade de oportunidades (e salários, claro!) com os homens. Caminhos sem volta, certamente.

Testamos o método da liberdade sem medo para educar os filhos, o divórcio, a creche. Muitas de nós venceram o desafio de ter uma família sem a presença de um companheiro. Outras ousaram participar de movimentos políticos, foram presas, morreram por um país mais justo. Ao som dos Beatles, as mulheres da minha geração experimentaram um novo som. E também drogas pesadas, para provar às que nasceriam depois que a viagem não valia mesmo a pena.

Em matéria de conquistas, nenhum esforço foi perdido. Chegamos às universidades e ao poder de muitas nações, embarcamos em naves espaciais. A Ciência nos assombrou a cada dia, com a cura de certas doenças, o que antes parecia mera fantasia. Vivemos mais e, o melhor, preservando a qualidade de vida.

No entanto, vale reconhecer que, em meio à modernidade, há velhos tabus que continuam nos rondando, fazendo-nos suas vítimas. Um deles, tão decrépito quanto perigoso, é a falta de intimidade de tantas mulheres com seu próprio corpo. Ainda há famílias que desestimulam e até repreendem quando a menina toca o seio ou a genitália. Pecado ou simplesmente “feio” (por que será?) estas partes do corpo não merecem sequer serem conhecidas pelo nome real. A mãe, às vezes, pergunta: “o que é isto?”. A menininha sabida responde logo que é o braço, o umbigo ou a orelha. Mas na hora de dar nome a seios e vagina paira o velho constrangimento. E, não raro, desponta o mau gosto das alcunhas mais estranhas.

Não faz parte das minhas intenções entrar em questões morais ou religiosas. Quero apenas lembrar o prejuízo ancestral que certos tabus ainda nos trazem. Esta menina vai crescer e talvez use o biquíni fio-dental e a camisetinha justa da moda. Ou seria chamada de “careta”, de ser “out”, de estar “por fora”, dependendo da tribo que frequenta.

No íntimo, porém, corre o risco de se tornar uma mulher envergonhada diante do parceiro, incapaz de se entregar de corpo e alma ao prazer, incluindo o de amamentar no seio seus bebês.

E não se trata apenas de interdição ao prazer ou de escolha na chegada dos filhos. Falo de vida mesmo. Estas amarras podem colocar a vida sob sério risco. A nossa menina, que já virou uma mulher, precisa ter familiaridade com seu corpo, conhecê-lo bem. Descobrir, ao vivo e a cores, como funciona, até para informar ao médico. Só assim, ambos reconhecerão, com segurança, a presença de qualquer desvio.

Tocar os seios. Sentir suas estruturas debaixo dos dedos. Por que não?

Parte do corpo que nos define enquanto mulheres, fonte de prazer no sexo e de primeiro passo de um vínculo forte com nossos filhos, o seio merece atenção. Tanta que, sendo preciso, partiremos confiantes para a sua reconstrução, enquanto reconstruímos a nós mesmas.